

## Licenciar *pro* não significa ser uma língua pro-drop: evidência do caboverdiano

João Costa & Fernanda Pratas  
Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

### 1. Sujeitos nulos em caboverdiano: *background* e problema.

O estatuto do caboverdiano (CV) quanto ao parâmetro pro-drop tem suscitado diferentes abordagens.

Uma das propostas (Baptista, 2002) considera que esta é uma língua pro-drop. A autora argumenta que o caboverdiano tem sujeitos referenciais nulos em orações matriz com alguns tipos de predicados, sendo os clíticos de sujeito, quando presentes nessas construções, analisados como elementos funcionais. Os exemplos usados pela autora para sustentar esta proposta são os seguintes:

- (1) (E) e nha pai. (Baptista, 2002:255)  
Ele COP meu pai  
'É o meu pai.'
- (2) a. Bu sta livri.  
tu estar livre  
'Tu estás livre.'
- b. sta livri.  
estar livre.  
'Estás livre.'

Uma proposta diferente defende que o caboverdiano é uma língua semi-pro-drop (Pratas, 2002, 2004). Existem três ordens de argumentos a favor desta análise: a ausência de sujeitos referenciais nulos em orações matriz (A); a ausência das propriedades típicas das línguas pro-drop (B); a natureza dos clíticos de sujeito (C).

A. Em orações matriz, o caboverdiano apenas permite a não realização de sujeitos em construções expletivas (3b). Como se pode ver em (3a), sujeitos referenciais de primeira pessoa do singular, que nunca se confundem com um sujeito expletivo, não são legítimos.

- (3) a. N sta duenti. / \* Sta duenti.  
'Estou doente.'

*Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2008, pp. 157-166*

- b. Sata txobena Lisboa.  
'Está a chover em Lisboa.'

A frase em (1), apresentada por Baptista (2002) a favor da consideração de que o caboverdiano é uma língua pro-drop, não é um exemplo relevante, uma vez que esta construção, além de pouco produtiva, pode ser explicada por diferentes hipóteses alternativas. Este exemplo foi analisado por Pratas (2002, 2004) como sendo um fenómeno fonológico envolvendo dois morfemas idênticos: *e* de terceira pessoa do singular (3sg) e *e* cópula presente. Esta hipótese permite ainda dar conta da impossibilidade de obtermos em (4b) uma interpretação de primeira pessoa do singular (1sg) – uma informação crucial neste ponto é a de que o clítico de sujeito de 1sg é *N*, o que impediria esse fenómeno fonológico.

- (4) a. E nha pai.  
3SG+ser meu pai.  
'Ele é o meu pai.'  
b. E inteligjenti.  
ser inteligente  
'Ele/ela é inteligente.' / \* 'Eu sou inteligente.'

Esta impossibilidade poderia dever-se ao facto de, enquanto “os sujeitos nulos de predicados individual-level são recuperáveis como os pronomes argumentais de 3sg *el* ou *e*, os sujeitos nulos de predicados stage-level [poderem ser] interpretados como 1sg, 2sg ou 3sg.” (Baptista 2002:256) Seria assim este o caso em (2b).

No entanto, esta língua não permite sujeitos nulos com predicados stage-level em contextos declarativos simples, como podemos verificar em (3a). Isto significa que a leitura de 2sg em (2b) pode ser permitida por razões idiossincráticas ligadas ao contexto exclamativo com este predicado em particular.

Outra possibilidade de análise para o mesmo caso em (1) (Pratas, 2004; Costa & Pratas, 2006) é a que considera tratar-se de uma construção expletiva (cf. tradução em inglês, em que o sujeito não é realizado).

- (5) a. E nha pai.  
'É o meu pai.' / 'It's my father.'

Ainda uma terceira possibilidade (Pratas, 2004; Costa & Pratas, 2006) seria analisar este elemento nulo como uma variável, ligada por informação discursiva. Como é fácil de perceber pelo contexto seguinte: entra um homem na sala e eu digo 'É o meu pai.' Note-se que esta declaração com a posição de sujeito ocupada por uma variável não é possível em inglês (\* 'Is my father.').

B. Outro argumento a favor da consideração do caboverdiano como uma língua semi-pro-drop diz respeito à ausência nesta língua das propriedades típicas de línguas

pro-drop: não apresenta um paradigma verbal rico (i), não apresenta inversão sujeito-verbo excepto com verbos inacusativos e apenas no caso de o argumento destes ser indefinido (ii) e não apresenta efeitos that-t (iii). Consideremos cada uma destas propriedades:

i. O caboverdiano não apresenta um paradigma verbal rico:

Como se pode ver em (6), não há qualquer marca flexional de pessoa ou número nas formas verbais do caboverdiano. A ausência de marcas de flexão é comum a todas as subclasses verbais, atestando-se em verbos inergativos, como *kanta* ‘cantar’ (6), verbos transitivos como *odja* ‘ver’ ou verbos inacusativos como *txiga* ‘chegar’. A ausência de marcas de pessoa e número é comum a todos os tempos (em (6) temos o Passado Simples, expresso pela forma verbal sem qualquer marca de tempo).

(6)

	Singular	Plural
1	N kanta	nu kanta
2	bu kanta	nhos kanta
3	e kanta	es kanta

ii. O caboverdiano não apresenta inversão sujeito-verbo, excepto com verbos inacusativos e apenas no caso de o argumento destes ser indefinido:

(7) \* Le Djon livru.

Ler Djon livro.

‘Leu o Djon o livro.’

(8) a. (dja) Txiga tres omi.<sup>1</sup>

(TMA) chegar três homens

‘Chegaram três homens.’

b. \* (dja) Txiga Djon / \* (dja) Morre Djon.

(TMA) chegar / (TMA) morrer Djon.

‘Chegou o Djon’ / ‘Morreu o Djon.’

c. Djon (dja) txiga. / Djon (dja) morre.

‘O Djon chegou.’ / ‘O Djon morreu.’

<sup>1</sup> Os nossos informantes não estão de acordo quanto à obrigatoriedade de *dja* nestes contextos; em Pratas 2007 discutem-se as possíveis categorias e significados da forma *dja*, sendo discutidas as possibilidades de análise enquanto advérbio ou enquanto marcador funcional temporal realizado, por exemplo, em Spec,TP.

Note-se que os contextos de inversão com verbos inacusativos não põem em causa o estatuto não pro-drop da língua, uma vez que podem ser analisados como instâncias de casos em que Spec,IP está ocupado por um expletivo nulo (Pratas, 2002).

iii. O caboverdiano não apresenta efeitos that-t (Nicolis, 2005):

- (9) Kenha ki bu ta pensa ma ta kumpra livru?  
 Quem REL 2SG TMA pensar COMP TMA comprar livro  
 ‘Quem é que pensas que compra o livro?’

Assumindo que os efeitos that-t ocorrem apenas em línguas que não admitem sujeitos nulos, a ausência destes efeitos em caboverdiano sugere que esta não é uma língua não pro-drop típica.

C. Como referimos acima, é crucial para a análise de Baptista (2002) do caboverdiano como língua pro-drop que os clíticos de sujeito sejam analisados como núcleos funcionais marcadores de concordância e não como os verdadeiros argumentos do verbo. Contudo, se os clíticos de sujeito fossem meros marcadores de concordância, esperar-se-ia que ocorressem independentemente do estatuto informacional do sujeito. Assim, tendo em conta a tipologia de pronomes da língua (cf. tabela em (11)), é feita a predição de que os clíticos sujeito podem co-ocorrer com pronomes fortes, sendo estes os verdadeiros pronomes argumentais. Como os dados em (10) atestam, esta predição é infirmada (ver De Cat 2005 para argumentos semelhantes para refutar a ideia de que os pronomes clíticos nominativos em francês são marcadores de concordância). Os pronomes fortes só ocorrem em contextos em que funcionam como tópicos contrastivos, estando, portanto, as seqüências pronome forte-clítico restritas a determinados contextos discursivos, o que torna inviável um tratamento de construções de redobro como casos em que um sujeito lexical co-ocorre com um marcador de concordância.

- (10) a. \* Ael, e ta bai mar.  
 PRON, CLI TMA ir mar  
 ‘Ele/Ela vai à praia.’
- b. Ael, e ta bai mar mas ami, N ta bai biblioteka.  
 PRON, CLI TMA ir mar mas PRON, CLI TMA ir biblioteka  
 ‘Ele/Ela vai à praia, mas eu vou à biblioteca.’

(11)

	Forma enfática	Forma livre	Clíticos sujeito	Clíticos objecto
1sg	ami	mi	N	-m
2sg (informal)	abo	bo	bu	-bu / -u
2sg (formal, masc.)	anho	nho	nhu	
2sg (formal, fem.)	anha	nha	nha	
3sg	ael	el	e	-l
1pl	anos	nos	nu	-nu
2pl	anhos	nhos	nhos	
3pl	aes	es	es	-s

Podemos nesta altura propor uma conclusão parcial: não há sujeitos referenciais nulos em caboverdiano. Ou seja, esta não é com certeza uma língua pro-drop típica: se há sujeitos nulos, são expletivos.

Em Pratas (2004) é proposto que os sujeitos expletivos nulos não se correlacionam com concordância/flexão verbal. Uma vez que tem sido assumido que o parâmetro pro-drop se relaciona com concordância de pessoa, a existência de sujeitos expletivos nulos não põe em causa a conclusão de que o caboverdiano não é uma língua pro-drop (estes resultados são parcialmente consistentes com as considerações em Rizzi (1986) sobre as condições de legitimação de sujeitos nulos).

Permanece, no entanto, um potencial problema: até aqui foram apenas analisados contextos com orações matriz.

*Prima facie*, em contextos encaixados, as conclusões acima não são postas em causa, uma vez que também aqui os sujeitos referenciais nulos são proibidos, mesmo quando o seu conteúdo é facilmente recuperado do contexto:

- (12) a. Djon fla m-e ta bai ku nos.  
           Djon dizer COMP-3SG TMA ir connosco.  
           ‘O Djon disse que vai connosco.’  
       b. \* Djon fla ma ta bai ku nos.

Na verdade, porém, o caboverdiano apresenta sujeitos referenciais nulos em determinados contextos encaixados. Se o antecedente do sujeito subordinado for um constituinte-wh (13) ou um sujeito quantificado (14), o sujeito subordinado é obrigatoriamente nulo na interpretação co-referencial, emergindo o comportamento típico que deriva do *Avoid Pronoun Principle* (Chomsky 1981), típico das línguas pro-drop.

- (13) a. Kenha ki ta atxa m-e spertu labanta mo. (quem=suj. encaixado)  
 Quem KI TMA achar COMP-ser esperto levantar mão  
 ‘Quem acha que é esperto ponha a mão no ar.’  
 b. Kenha ki ta atxa ma el e spertu labanta mo (quem≠suj. encaix)  
 Quem KI TMA acha COMP 3SG ser esperto levantar a mão  
 ‘Quem acha que ele/ela é esperto ponha a mão no ar.’
- (14) a. Ningen ka ta atxa livru ki perdeba. (ninguém=suj. encaixado)  
 Ninguém NEG TMA encontra livro REL perder.TMA  
 ‘Ninguém achou o livro que tinha perdido.’  
 b. Ningen ka ta atxa livru ki-e perdeba. (ninguém≠suj. encaix)  
 Ninguém NEG TMA encontra livro REL-3SG perder.TMA  
 ‘Ninguém achou o livro que ele/ela tinha perdido.’

Em caboverdiano existe, assim, uma assimetria na distribuição de sujeitos referenciais nulos: são obrigatórios em orações encaixadas, em contextos em que exista co-referência com um operador-*wh* (13) ou com quantificadores como *ningen* (14) e proibidos em todos os outros contextos. Como é ilustrado nos exemplos em b., a presença de um sujeito encaixado induz uma leitura disjunta, o que é coerente com o Avoid Pronoun Principle.

Neste ponto levanta-se no entanto uma questão: como dar conta destes sujeitos nulos encaixados se esta não é uma língua pro-drop?

Os factos acima enumerados sobre o comportamento dos sujeitos em contextos matriz suscitam algumas considerações. Como foi referido, não havendo em caboverdiano morfologia de acordo de pessoa e número, a realização nula destes sujeitos tem de ser independente de fenómenos de concordância. Os sujeitos referenciais nulos encontrados têm, assim, de ser explicados sem recurso aos mecanismos de legitimação assumidos para as línguas pro-drop (cf Rizzi 1986).

## 2. Tipos de sujeitos nulos

Para compreender os dados do caboverdiano, é necessário considerar que existem diferentes tipos de sujeitos nulos, como é mostrado em Sigurðsson (1993):

- a) Expletivos (por exemplo em alemão)
- b) Topic-drop (por exemplo no inglês coloquial)
- c) Controlados por um antecedente (por exemplo em hebraico)
- d) Dependentes de Agr (pro-drop)(por ex. italiano, português europeu)

Assumindo esta diversidade podemos reformular a questão acima:

- A. Que tipo de sujeitos nulos estão disponíveis em caboverdiano?
- B. Quais são as suas condições de legitimação nesta língua?

### 3. Paralelismo com o português do Brasil

Em português do Brasil (PB), tem-se vindo a verificar uma mudança no que respeita ao valor do parâmetro do sujeito nulo (Duarte, 1995; entre outros), que se reflecte em algumas das propriedades que lhe estão associadas. Por exemplo, Duarte (1993, 1995) observa uma redução massiva de sujeitos nulos num estudo diacrónico de peças populares escritas nos séculos XIX e XX.

(15) Taxa de sujeitos referenciais plenos em PB:

1845 – 20%  
 1882 – 23%  
 1937 – 46%  
 1975 – 67%  
 1992 – 74%

Por outro lado, como foi observado em Figueiredo Silva (1996), entre outros autores, não pode afirmar-se que o português do Brasil já não é uma língua de sujeito nulo, uma vez que sujeitos referenciais nulos são ainda encontrados em diversas instâncias. Temos, assim, os exemplos seguintes:

(16) *Pares pergunta-resposta:*

A: O que você comprou?

B: \_ comprei um livro.

(17) *Em contextos encaixados (apesar da perda do Avoid Pronoun Principle)*

O Pedro disse que (ele) ganhou na lota. (Modesto, 2000)

O exemplo em (17) é particularmente interessante, uma vez que o sujeito nulo é possível, mas a sua interpretação é limitada e diferente do que acontece numa língua pro-drop típica, como é o caso do português europeu (Modesto, 2000):

(18) a. Português do Brasil:

O Pedro<sub>1</sub> disse que ec<sub>1/\*2</sub> ganhou na lota.

b. Português Europeu:

O Pedro<sub>1</sub> disse que ec<sub>1/2</sub> ganhou na lota. (Modesto, 2000)

Modesto (2000) defende que em português do Brasil *pro* está disponível, mas não pode ser identificado por Agr. Ou seja, não dispõe das mesmas propriedades interpretativas de *pro* nas línguas pro-drop. A identificação de *pro* em português do Brasil requer que este seja interpretado como uma variável. Crucialmente, tem de estar ligado por um antecedente que o c-comanda.

Do mesmo modo, propomos que em caboverdiano *pro* está disponível, mas a sua ocorrência está limitada a contextos em que estabelece uma relação com um operador:

nos exemplos do caboverdiano acima, o sujeito é ligado por um antecedente que o *c-comanda*.

No entanto, as duas línguas, caboverdiano e português do Brasil, não se comportam da mesma forma. Em caboverdiano, o sujeito nulo só está disponível com antecedentes *wh-* ou quantificados. Nas frases em que o sujeito da oração matriz é um DP não quantificado, *pro* é proibido, conforme seria de esperar numa língua que não seja *pro-drop* (12b). Em português do Brasil o antecedente pode não ser quantificado (18a).

#### 4. Análise

Antes de propormos a nossa análise, apresentamos uma síntese dos dados: PB e caboverdiano admitem sujeitos nulos em contexto encaixado; PB admite sujeito nulo se este for co-referente com sujeito matriz referencial; PB e caboverdiano têm sujeito nulo obrigatório se este for co-referente com sujeito matriz quantificado ou interrogativo.

Procuramos responder às seguintes questões: qual é a natureza deste tipo de sujeito nulo? Como é legitimado em cada uma das línguas? Qual é a relevância da existência destes sujeitos nulos para uma tipologia das línguas de sujeito nulo?

A nossa proposta é de que em ambas as línguas *pro* está disponível como uma variável ligada.

Em Modesto (2000) é defendido que todos os sujeitos podem ocupar uma posição A-barra, a partir da qual podem ligar uma variável. Como é mostrado em Modesto (2000), Costa & Galves (2002), e Costa, Duarte & Silva (2006), isto não significa que o sujeito ocupe uma posição periférica, uma vez que o estatuto A-barra pode derivar de propriedades específicas do IP alargado em português do Brasil.

Os sujeitos do caboverdiano são realizados em Spec,TP, uma posição-A (Pratas, 2002, 2004, 2007; Fiéis & Pratas, 2005). A possibilidade de servirem como operadores para ligarem uma variável depende do seu estatuto inerente. Se forem quantificados têm um estatuto inerente de operador, pelo que podem ligar uma variável.

Assim, em caboverdiano – ao contrário do que acontece em português do Brasil – só antecedentes *wh-* e quantificadores, que são operadores por inerência, é que podem ligar uma variável nula na posição de sujeito. Considerando os efeitos do Avoid Pronoun Principle, existe evidência para dizer que esta variável é *pro*.

#### 5. Consequências para o parâmetro do sujeito nulo

Como foi afirmado por outros autores (Rizzi, 1986; Sigurðsson, 1993; Coelho *et al.*, 2000; entre outros), o parâmetro do sujeito nulo não é um fenómeno uniforme. Está dependente da existência de formas nulas na língua em análise e também das condições de legitimação destas.

Para o caboverdiano, a nossa análise sugere que *pro* está disponível (satisfazendo a primeira condição), e que *pro* é uma variável ligada (satisfazendo assim a condição de legitimação).



Isto é diferente do que acontece nas línguas pro-drop, nas quais *pro* está disponível e é legitimado por Agr.

## 6. Considerações finais.

A nossa análise para a disponibilidade de sujeitos nulos em contextos encaixados em caboverdiano é, assim, coerente com a proposta de que o Caboverdiano é uma língua não-pro-drop – não apresenta sujeitos referenciais nulos identificados por uma morfologia rica.

Esta proposta tem consequências para a compreensão do parâmetro do sujeito nulo, dado que se mostra que a ocorrência de *pro* não é o factor determinante para a caracterização de uma língua como pro-drop. A disponibilidade de *pro*, apenas em conjunto com o modo como esta categoria é identificada, permitirá determinar se uma língua é pro-drop típica ou não.

A nossa análise deixa de parte os contextos expletivos, em que, como vimos, o sujeito nulo é obrigatório. Em Pratas (2007) é proposto que as construções expletivas não projectam Spec,TP; se considerarmos que o EPP está sujeito a variação paramétrica e que, de acordo com evidência independente, o valor deste parâmetro é negativo em caboverdiano, a posição de Spec,TP é apenas projectada quando necessária. Esta abordagem dá também conta da ausência de *pro* em contextos inacusativos com inversão de sujeito. Se esta análise estiver correcta, podemos ainda propor que o EPP não é, também, o único factor decisivo para considerar uma língua como pro-drop. Estabelece-se, assim, uma determinação do estatuto de uma língua face à tipologia de sujeitos nulos que apresenta dependente da combinação de pelo menos três factores: de que categorias nulas dispõe no seu inventário pronominal, como são identificadas e qual o estatuto de Spec,TP na língua. Conforme mostrado em Coelho et al. (2001), a combinação destes factores permite dar conta da existência de línguas pro-drop típicas e de línguas semi-pro-drop como o caboverdiano.

## Referências

- Baptista, Marlyse (2002) *The Syntax of Cape Verdean Creole, the Sotavento varieties*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins
- Coelho, Izete. et al. (2001) Ordem VS e sujeito nulo em PE e PB. Comunicação apresentada ao II Colóquio do Projecto PE/PB. Universidade do Ceará, Fortaleza.
- Costa, João, Duarte, Inês & Silva, Cláudia (2006) Construções de redobro em português brasileiro: sujeitos tópicos vs. soletração do traço de pessoa. *Leitura. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFAL)*, v. n. 33, pp. 135-145.
- Costa, João & Charlotte Galves (2002) External subjects in two varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis. C. Beyssade et al. (eds) *Romance Languages and Linguistic Theory 2000*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 109-125.

- Costa, João & Fernanda Pratas (2006) To allow pro does not mean being pro-drop: evidence from Capeverdean. Comunicação apresentada à Society for Pidgins and Creole Languages (SPCL) Meeting. Albuquerque, NM
- De Cat, Cécile (2005) French subject clitics are not agreement markers. *Lingua* 115, pp. 1195-1219.
- Duarte, Eugênia (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil . In. Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. Da Unicamp. 107-128.
- Duarte, Eugênia.(1995) A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas, São Paulo
- Fiéis, Alexandra & Fernanda Pratas (2004) A natureza do clítico de reflexividade do tipo se: evidência do Caboverdiano. Comunicação apresentada ao XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Fundação Calouste Gulbenkian
- Figueiredo Silva, Cristina (1996) *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Modesto, Marcelo (2000) *On the Identification of Null Arguments*. Doctoral dissertation. University of Southern California, Los Angeles.
- Nicolis, Marco (2005) *On pro drop*. Doctoral Dissertation, University of Siena.
- Pratas, Fernanda (2002) *O Sistema Pronominal do Caboverdiano*. Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Pratas, Fernanda (2004) TP in Capeverdean: an almighty functional projection? Comunicação apresentada ao Lisbon Workshop on Alternative Views on the Functional Domain, Universidade Nova de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa
- Pratas, Fernanda (2007) *Tense features and argument structure in Capeverdean predicates*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Sigurðsson, Halldór (1993) Argument-drop in Old Icelandic. *Lingua* 89, pp. 247-280.
- Rizzi, Luigi (1986) On the status of subject clitics in Romance. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, pp. 391-419.